

UNA LECTURA PSICOANALÍTICA SOBRE LA MIGRACIÓN ADOLESCENTE A TRAVÉS DE LA NOVELA STEFANO DE MARÍA TERESA ANDRUETTO

UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE A MIGRAÇÃO ADOLESCENTE ATRAVÉS DA NOVELA STEFANO DE MARÍA TERESA ANDRUETTO

A PSYCHOANALYTIC ANALYSIS OF ADOLESCENT MIGRATION THROUGH MARÍA TERESA ANDRUETTO'S NOVEL STEFANO

Equipo de Investigación sobre Psicoanálisis y Literatura infantil
y adolescente de FLAPPSIP

Fabián Actis Caporale

ORCID: 0009-0004-7632-2150

Correo electrónico: factiscaporale@yahoo.com.ar

Susana Mindez

ORCID: 0009-0009-9457-7903

Correo electrónico: susanamindez@gmail.com

Lili Diament

ORCID: 0009-0001-7807-9375

Correo electrónico: lilidiament@gmail.com

José Andrés Cernadas

ORCID: 0009-0004-1985-4978

Correo electrónico: jacernadas225@hotmail.com

Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados

Fecha de recepción: 05 - 10 - 2025

Fecha de aceptación: 20 - 10 - 2025

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Actis Caporale F. - Mindez S. - Diament L. - Bruni V - Cernadas C. A.(2025)

UNA LECTURA PSICOANALÍTICA SOBRE LA MIGRACIÓN ADOLESCENTE

A TRAVÉS D LA NOVELA STEFANO DE MARÍA TERESA ANDRUETTO

Intercambio Psicoanalítico 16 (2), DOI: 10.60139/InterPsic/16.2.10

Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE A MIGRAÇÃO ADOLESCENTE ATRAVÉS DA NOVELA STEFANO DE MARÍA TERESA ANDRUETTO.¹

¹Projeto de pesquisa iniciado em agosto de 2022 a partir da iniciativa da Diretoria de Pesquisas da FLAPPSIP, sob a responsabilidade de Marta De Giusti. Os autores são associados da AEAPG (Associação Escola Argentina de Psicoterapia para Formados). Agradecemos a participação de Alicia Lapidus, Abel Zanotto e Iliana Giménez em alguns momentos da pesquisa.

Equipo de Investigación sobre
Psicoanálisis y Literatura infantil y
adolescente de FLAPPSIP
Fabián Actis Caporale²
Susana Mindez³

² Fabián Actis Caporale-
Psicoanalista-Docente invitado
del Programa de Actualización
en Psicoanálisis con Niños y
Adolescentes; (UBA Dr. Ricardo
Rodulfo.) Coautor de “Violencia
Social: Conceptualización
Psicoanalítica e Interdisciplinaria”,
“Adolescencia, hoy” y de
“Adolescencias vulneradas”-
Jurado Externo en la Carrera de
Especialización en Psicoanálisis con
Niños y Adolescentes- UCES.

³Susana Mindez, Especialista clínica
en Psicoanálisis de niños UNLM-
AEAPG (2008). Posgrado en Terapia
Sistémica Relacional con Familias y
Parejas (2023) Fundación Familias y
Parejas. Docente titular de; Clínica
y psicopatología Freudiana II en
la especialización en psicoanálisis
con orientación clínica en Adultos
UNLM-AEAPG. Coautora del libro
“Primera Infancia. Psicoanálisis e
investigación”. Cap. Dimensiones
del juego madre-bebé en el primer
año de vida. Compiladora Clara R. de
Schejtman. Ed. Akadia. Año 2008.

Lili Diament⁴

José Andrés Cernadas⁵

Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados

⁴Lili Diament Psicóloga (UBA) Psicoanalista. Miembro Activo de la AEAPG. Ex participante del Área “Pensando desde Winnicott” Coordinadora del Área de Niñez y Adolescencia Supervisora del Centro Rascovsky. Ex Docente de Psicología Carrera de Medicina (UBA). Co-autora de Cartillas de capacitación y serie de apuntes de la ONG Servicio Universitario mundial SUM y del libro “Cuando falta la palabra”.

⁵José Andrés Cernadas. Esp. en Clínica Psicoanalítica con Niños y Adolescentes. Profesor de la materia “Psicoanálisis Salud Mental” (UBA). Delegado por la AEAPG ante el Foro de Instituciones de Salud Mental (Argentina)

*Contar uma história muda quem a conta.
E, por vezes, a ficção é a única maneira de contar a verdade.
Falco, F. (2020)*

I.-Introdução

Esta pesquisa surgiu a partir do convite da Diretoria de Pesquisas da FLAPPSIP, coordenada por Marta de Giusti, aos integrantes da AEAPG. Foi assim que alguns colegas nos sentimos convocados a aceitar o desafio de pesquisar. O ponto de partida foi abordar o uso da “metáfora” como ponto de união entre a psicanálise e a literatura, as semelhanças e diferenças entre os dois campos. Naquele momento, trabalhamos a ideia de Bernard Noel sobre a metáfora, que a compara à luz, pois é um elemento que torna possível que o invisível seja visível.

Outro tema que despertou nosso interesse foi a leitura do trabalho sobre as polaridades psíquicas escrito por M. Pelento e M. Cena (Puget, Braun & Cena, 2018), no qual as autoras propõem uma nova polaridade “eu/outro” às de prazer/desprazer, amor e ódio, Eros e Tânatos propostas por S. Freud A partir daí, surgiu a ideia de ampliar o campo para outras polaridades possíveis, considerando que o funcionamento do aparelho psíquico freudiano é concebido com base no conflito. Esse percurso nos levou à busca de um território na literatura que nos permitisse articular e explorar nossas questões.

A obra de María Teresa Andruetto tem um vínculo intenso com a Argentina e com a imigração italiana e, por sua vez, está ligada à sua história pessoal e à do seu pai. Esse vínculo abrange a busca por um projeto de vida e o questionamento da identidade, bem como os dilemas emocionais que isso acarreta. Sua obra em geral, e a novela “Stefano” em particular, nos oferece um panorama ficcional e representativo das problemáticas migratórias e dos contextos sociopolíticos do nosso país. “Stefano” nos fala da imigração italiana, uma migração para outro país, baseada na experiência de outros jovens da aldeia que emigraram com o mesmo destino, fugindo da fome que os assediava, esperando encontrar nesse destino a abundância que os tiraria do estado de fome que sofriam. Nas publicações de De la Iglesia e Sánchez (2021), resgata-se o valor da literatura como um recurso para reconstruir histórias pessoais e comunitárias a partir do eixo literatura/imigração. Da mesma forma, resgatam na obra de Andruetto a inclusão do tema através do personagem adolescente Stefano. Nos textos dessa autora, observa-se uma associação entre as subjetividades e os contextos em que se desenrolam as experiências psíquicas conflitantes.

A partir da nossa perspectiva, os processos migratórios, ao mesmo tempo em que constituem uma busca por mudanças na vida das pessoas, instalam novas problemáticas nos âmbitos da justiça, da saúde e do social. Algumas delas são as dificuldades e os desafios que o processo de integração à nova sociedade acarreta, com seus costumes e tradições, a resolução das diferenças culturais, a língua, os lutos e a possibilidade de se propor novos projetos.

Consideramos que o estudo e a pesquisa da subjetividade em migrantes pré-adolescentes e adolescentes — tanto de uma perspectiva transgeracional quanto atual — contribuem para a compreensão psicanalítica da saúde mental de um grupo etário que configura o futuro da comunidade argentina. No prefácio da novela “Stefano”, a autora indica que escreveu sobre a imigração de seu pai da Europa para a Argentina, mas deixa entrever que atualmente está ocorrendo um fenômeno inverso de imigração de populações jovens argentinas instruídas para a Europa. Pode-se pensar, então, que esta pesquisa pode esclarecer alguns aspectos psicossociais relacionados aos atuais fluxos migratórios, proporcionando e/ou ampliando os conhecimentos existentes para acompanhar os conflituosos e dolorosos processos intra, inter e transsubjetivos que se entrelaçam entre imigrantes, grupos familiares e comunidades de origem e de adoção.

Por isso, nos propomos a explorar e analisar psicanaliticamente a migração adolescente, por meio do livro “Stefano”, com foco na dimensão traumática do processo migratório ou em sua possível transformação em “experiência”.

Essa exploração contribui para a construção de uma visão psicanalítica do migrante adolescente que reduz a violência e a dessubjetivação e, por meio da literatura como expressão mediadora, oferece reflexões teóricas que possibilitam valorizá-lo como semelhante. Por sua vez, consideramos a migração como um recurso psíquico diante das adversidades do ambiente. Esse processo implica um trabalho psíquico que, por sua complexidade subjetiva e social, merece uma abordagem psicanalítica para sua melhor compreensão.

A pergunta que orientou nossa leitura de Stefano foi: Quais seriam os trabalhos subjetivos e as condições familiares e sociais presentes em Stefano que poderiam gerar efeitos traumáticos ou, pelo contrário, se tornar “experiência”? . Conjeturamos que nos trabalhos psíquicos do adolescente migrante ligados à elaboração subjetivante se encontram as possibilidades de narrar e construir um relato que se transforme em “experiência”.

II.- Contextualização da edição do texto

A novela “Stefano” foi editada pela Penguin Random House em 2016, dentro da coleção Sudamericana Joven. Na capa, consta que a autora ganhou o prêmio Hans Christian Andersen em 2012. Segundo ela descreve na contracapa, sua escrita lhe permitiu “recuperar a sensação de fome, desenraizamento, estranhamento, de homens e mulheres que um dia deixam sua terra em busca de uma vida melhor”.

A novela acompanha a vida de um jovem italiano que emigra da Itália para a Argentina fugindo da pobreza. Ele se despede de Agnese, sua mãe, e parte cheio de ilusões e lembranças: sua viagem de barco, seu primeiro trabalho no campo, sua passagem pelo mundo do circo e da música popular italiana estão presentes como pano de fundo da história. Ambientada em diferentes lugares da Argentina, como Buenos Aires, a cidade de Montevideo, na província de La Pampa, e finalmente em Rosario, a história se concentra na narrativa da migração, do despertar sexual, dos amigos, da identidade, do amor, dos projetos e dos lutos. No seu trajeto, Stefano vai estabelecendo relações com diversos personagens. Com seus amigos durante a partida e a viagem de barco que naufraga. Na relação de amizade com Lina, ele arrisca a possibilidade de se estabelecer em um lugar, possibilidade que se frustra por diferentes razões. Conhecer Vittorio, um comerciante provinciano que gosta de música, introduz um elemento de fascínio na vida de Stefano. Sua origem italiana e sua música despertam nostalgia e reflexões no protagonista, influenciando suas decisões. Com a chegada de um circo à cidade, inicia-se uma nova migração e se desdobra o despertar sexual de Stefano quando ele se envolve com a acrobata de circo Tersa, explorando seus desejos em um ambiente desconhecido e estimulante. Ao longo da novela, Stefano enfrenta os desafios do seu passado e os dilemas do seu presente, pois, ao mesmo tempo em que explora e relembra diálogos com sua mãe, reflete e constrói sua nova vida na Argentina.

Trabalhamos o texto a partir de uma série de categorias que desenvolvemos no momento de elaborar o projeto de pesquisa.¹ A partir disso, identificamos no texto os parágrafos que refletiam cada uma delas. Levamos em consideração os diferentes lugares por onde Stefano passou, identificando também os personagens com os quais ele foi estabelecendo vínculos.

III.- Desenho metodológico

O desenho desta pesquisa é exploratório e de corte qualitativo. A fonte é a obra de María Teresa Andruetto: "Stefano" (2012). Também nos baseamos em algumas entrevistas realizadas à autora, que estão disponíveis. Em seu livro de ensaios "La lectura, otra revolución", Andruetto conta: "Fui criada em uma casa onde havia histórias, uma casa onde se contava de mil maneiras, com muitos detalhes, a vida daqueles que vieram antes: pessoas que viveram em vilarejos distantes ou chegaram à América, que arriscaram e perderam ou ganharam tudo; contava-se o extraordinário que vive em cada um de nós, o extraordinário da própria vida". "Stefano" fala sobre a imigração italiana, uma migração para outro país, baseada na experiência de outros jovens da aldeia que emigraram com o mesmo destino, fugindo da fome que os assediava, esperando encontrar nesse destino a abundância que os tiraria do estado de fome que sofriam.

IV.- Análise do material

IV-I **No porto e no barco. Construção da subjetividade puberal e adolescente.**

Um aspecto importante da subjetividade adolescente é constituído pela irrupção da sexualidade adolescente. A autora relata que "Gina viajava para a Argentina para se casar: em Rosario, seu noivo a esperava, pelo menos era o que ela dizia, embora Stefano a tivesse visto responder com malícia ao olhar do homem de vestes marmorizadas... (pág. 12). Aqui, vemos a voz narradora descrevendo um Stefano que, durante a viagem de barco, encontra uma mulher que desperta sua sensualidade. Assim, vemos o desenvolvimento de sua sexualidade adolescente que vai direcionando sua energia libidinal para novos objetos.

A autora acrescenta: *Ele volta a sonhar com Gina, noites depois... ele a reconhece apesar de seu vestido ser apenas um pouco mais escuro que a areia; sua saia balança, ele a vê perdendo forças. Ele a alcança e lhe oferece um jarro de água. A água escorre da boca dela; ele seca seu rosto, seu pescoço, e vê seus seios sob o tecido molhado"* (pág.16).

Podemos conjecturar que Stefano começa a se interessar em deixar para trás sua mãe e sua terra natal, sua infância, para também passar a enfrentar o conflito pulsional adolescente com sua intensa carga sexual genital.

¹ Os antecedentes e o quadro conceitual foram expostos em (Mindez, S. (2025). Psicanálise, o social e a sensibilidade terapêutica para acompanhar crianças e adolescentes: "Analistas trabalhando em tempos de crueldade...". Revista Intercambios, 1(1). Recuperado de <https://intercambiopsicoanalitico.org/ojs/index.php/IPSI/article/view/420>

Naquela viagem de barco, ele sonha. Enfrentar a liberdade de colocar em jogo suas pulsões puberais, suas tendências masturbatórias, torna necessário colocar em ação todos os desenvolvimentos psíquicos ao seu alcance. Ao sonhar, através de modos primários, começa a se relatar, colocando em ação sua capacidade representacional para enfrentar o potencialmente traumático, buscando assim transformá-lo em um “sofrimento comum” (Freud, 1930).

A autora acrescenta: *“Ela se chamava Agnese, mas quase ninguém a chamava pelo nome. Vestia-se de preto até as anáguas. Desde que meu pai morreu, ela não fazia outra coisa senão puxar aquele carrinho. O carrinho, Ema, e o grito dela. Stefanin! Stefanin! Ela tinha o rosto ossudo e olhos como breu. E morreu de tuberculose”* (pág. 17). Aqui vemos como a presença do puberal que luta na subjetividade de Stefano é acompanhada, no entanto, por rajadas de experiências infantis evidenciadas nos parágrafos dedicados às lembranças das exclamações de sua mãe chamando-o pelo nome. Esses fragmentos nos falam da ameaça de mergulhar na melancolia, efeito traumático que resultaria de tomar o próprio eu como objeto de amor em substituição ao objeto materno original. Vemos aqui presente a *função historicizante* (Aulagnier, 1975) e sintetizadora do eu, que precisa articular tanto as experiências infantis ternas e dependentes evocadas pelos chamados de sua mãe quanto a nova sensualidade puberal. Vemos em jogo a capacidade do eu de que Stefano dispõe para abordar a construção da continuidade identitária, ao mesmo tempo em que busca dar respostas ao novo impulso puberal que o perturba.

IV-II No porto e no barco. Exílio e migração

Vamos observar alguns trechos da obra para falar sobre o luto. Aqui, a autora relata que Stefano e seus amigos chegaram ao porto e encontraram outros emigrantes. A voz narradora conta que *“Uma jovem que havia pedido um cigarro ao homem de casaco mesclado... (continuou cantando com) ...o da mandolina; ...uma frase un rigo appena/ calmerano il mio dolor. /Tu non scrive nontorni, tu sei fatta di gelo”* (pág. 12).

Podemos dizer que, ao ouvir as canções que falam sobre “acalmar a dor”, sobre reclamar de alguém que “não escreve”, talvez ele esteja antecipando os processos de luto e conflitos que enfrentará mais tarde.

Já no barco, durante a viagem recém-iniciada, Stefano e seu amigo Remo têm tempo para conversar. Durante a viagem, no convés do barco, eles iniciam um diálogo:

“ - Há quanto tempo você não o vê - perguntou Stefano. / - Seis anos - disse Remo... (pág. 17) / “Os dois ficaram em silêncio, Remo pensando talvez em seu pai e Stefano sem encontrar nenhum vestígio do seu...” (pág. 18).

Então os amigos continuam conversando.

- Será que ele não mudou em seis anos? / - Ele tem uma verruga perto da sobrancelha esquerda. / - O que mais você se lembra dele? / - Que ele era bom, disso eu me lembro. E o seu? / - Não sei. Ele morreu na batalha do Piave antes de eu nascer; tudo o que sei é que tenho o nome dele...

A conversa continua e Stefano pergunta:

“- Como você vai fazer para encontrá-lo? / - Não sei. Vou seguir o rastro dele. / - E o que vocês vão fazer quando se encontrarem? / - Dinheiro. E vamos enviar para minha mãe e ficaremos todos juntos como antes. Naquela tarde, Stefano sentiu mais saudade do que nunca do pai e desejou com todas as suas forças o impossível: ser como Remo, ir ao seu encontro, procurar até encontrá-lo, certo de que no final de algum caminho ele estaria esperando por ele...” (pág. 18).

Neste trecho, vemos como novamente se manifesta a polaridade sofrimento-efeito traumático, também associada ao luto. O aspecto novo é dado pela disponibilidade afetiva de seu amigo Remo, com quem ele se identifica e consegue dialogar sobre aspectos emocionais dolorosos. Compartilhar com Remo a dor da perda e sua capacidade de elaboração diminui o risco de se instalar um “luto congelado”, conceito próximo ao efeito traumático.

O relato do momento reflexivo e silencioso entre os amigos Stefano e Remo, feito pela voz narradora, mostra um espaço de vínculo que possibilita um processo de elaboração entre eles. Talvez compartilhar a dor e ver o outro sobreviver a uma dor semelhante consiga um efeito de antecipação sobre o próprio processo de luto que, ao mesmo tempo em que implica uma cessão dos objetos originais de amor (figura paterna) idealizados, gera um deslizamento desejante que possibilita desenvolver um *projeto identificatório* nostálgico, porém vital. Esse projeto identificatório e de vida não precisa apenas fazer sentido dentro do seu mundo interno, mas também precisa estar relacionado com a realidade externa. Ou, nas palavras de Winnicott, precisa ser em parte criado e em parte encontrado, como tudo o que encontramos no campo transicional da cultura. Essa é a condição para que o subjetivo “faça sentido” ou, nas palavras de Winnicott, possibilite a Stefano a experiência da *“continuidade existencial”*.

No barco, Stefano se lembra de uma das conversas que teve com sua mãe antes da partida.

“Eu pedia para irmos para a América... mas ela dizia: não. Ela dizia: ‘Esta é a terra do seu pai’. ‘Lá dá para ganhar dinheiro’, eu dizia. / Mãe: ‘Coisas que inventam! Mas ninguém volta para contar...’” (pág. 24).

Consideramos que as palavras de sua mãe acompanharão Stefano desde a partida de sua cidade até sua vida adulta, e as escutará no seu interior com dor e culpa durante a sua juventude e como nostalgia na sua vida adulta. Em outra cena, vemos Stefano e Pino juntos. A autora diz: *“Pino conta ao amigo sobre seu naufrágio enquanto protege Stefano, compartilhando um cobertor que os aquece. Eles começam a fazer planos para o futuro com muita esperança”*. Descreve-se o tom emocional do encontro de Pino e Stefano, ambos hoje imigrantes unidos para sempre por uma história comum: sua terra natal e a experiência do naufrágio associada à morte.

A autora continua dizendo: *“Stefano pensa na sua mãe e na vontade que tem de lhe contar sobre esse medo de morrer. Ele vai escrever para ela, vai dizer que é verdade, que na América as vacas se criam sozinhas e que as galinhas, se ela visse, põem tantos ovos que às vezes precisam ser dados aos porcos”*. Acreditamos que Stefano mantém o vínculo com sua mãe no seu mundo interior. Ele pensa nela e, ao pensar nela, sente-se vivo e cheio de energia.

IV-III No povoado de Montenievas

Ao chegar ao povoado, encontra Aldo Moretti, o professor de música natural de uma aldeia próxima à de Stefano, que canta e toca bandolim. *“Aldo canta: Scrivimi, non lasciarme piú in pena... E Stefano se lembra de Gina, de Ugo, que acompanhava com o acordeão a quem tocava o bandolim, com a mesma fé com que agora ouve Aldo.../ Tu non scribi e non torni,/ tu sei fatta di gelo/ così passano i giorni/ senza amore per me. Stefano aprende os tons e a tarde passa rápido. Quando cai a noite, diz a Moretti... Que esse é o primeiro dia na América que se sentiu feliz”* (págs. 53 e 54). Este trecho nos apresenta um momento em que a música e a letra da canção permitem a Stefano elaborar a dor da perda de Gina no naufrágio. Essa jovem representa uma descoberta ligada à vitalidade e à sua sexualidade incipiente, que certamente contrastava com as tendências depressivas que o assombravam durante a viagem. Sua perda também está sendo processada mediante fantasias inconscientes de recriminações hostis contra Gina e sua mãe, reclamações pelo abandono do qual se sente vítima, que no final da tarde compartilhada com Aldo Moretti são lembradas e elaboradas psicologicamente de forma a permitir que ele se sinta “feliz” pela primeira vez na América.

IV-IV - A morte de sua mãe e a despedida do circo

Neste momento da novela, o personagem principal diz: *“Alguém veio e me perguntou se eu era quem eu sou, e então disse que minha mãe tinha morrido. E eu gritei, como ela gritava: ¡Maldetto Cristoforo Colombo que descobriu América!”* (pág. 87).

Stefano adota — por meio da identificação com ela — a frase de sua mãe. Será que podemos pensar nisso como uma forma de se aproximar dela e amenizar seus sentimentos de culpa por tê-la abandonado? Ele parece afundar no vazio deixado pela morte da mãe, mas conta com recursos resilientes, surge a esperança e um projeto de vida: encontrar a amiga da mãe. Stefano não volta atrás. Ele se lembra, elabora psicologicamente e constrói projetos.

Stefano continua dizendo: *“Tersa me perguntou: Você tem onde ficar? Não sei, respondi. Vou procurar primeiro a amiga da minha mãe. Vou dizer a ela que sou filho de Agnese. Também devo dizer que minha mãe morreu. / Ela me perguntou: Você sabe onde ela mora? / Só me lembro do nome da rua, respondi”* (pág. 91).

A narradora nos conta que *“Algumas vezes, Stefano pensou em Tucumán como uma cidade onde ficar, onde esquecer aquele ir sem nada de um lugar para outro. Ele havia pedido isso a Tersa; havia implorado, na esperança de que ela entendesse, e ela, em vez disso, zombou dele. Agora ele se lembrava de tudo isso, sem entender o que havia acontecido, como se aquilo tivesse acontecido a outra pessoa que se chamava como ele, Stefano”* (pág. 91). Consideramos que o personagem central aqui busca desenvolver um projeto de vida pensando que estar em Tucumán e com Tersa tornaria mais fácil “esquecer” a dor psíquica que lhe causava a instabilidade de residência. Com o passar do tempo, ao se sentir humilhado pela jovem em quem depositava suas expectativas libidinais, e podemos supor que, ao mesmo tempo, ao colocar em jogo defesas ligadas à dissociação (Winnicott, 1965), ele alcançou um grau de amadurecimento emocional tal que lhe permitiu se ver como “outro Stefano”, sem deixar de sentir uma certa “continuidade do ser” (Winnicott, 1965).

IV-V Rosario, a maturidade, o homem.

Depois de chegar à cidade e conseguir um lugar para morar, Stefano mantém uma relação amigável com a proprietária da pensão e consegue um emprego estável. Diariamente, ele sai em busca da amiga de sua mãe, Chiara Martino. Ao encontrá-la, conhece também a filha, Ema, por quem se sente atraído:

“Você era quase uma criança... Estava atrás da sua mãe, quando me soltei do abraço... Lembro que você perguntou: Você vem de longe? Eu, por outro lado, não sei o que respondi... Só sei que não conseguia parar de olhar para você...” (pág. 98).

Podemos pensar neste momento da chegada a Rosario como uma mudança da adolescência para o início da juventude. Momento subjetivo em que se articulam aspectos significativos da sua infância – presentes na figura de Chiara como amiga da sua mãe –, com a busca de experiências e renovação de sua identidade, com uma atração que mais tarde se tornará um projeto de casal, aspecto mais ligado à juventude.

Com o passar do tempo, Stefano fala sobre a chegada iminente de um filho com Ema e, refletindo sobre sua vida em comum “para continuarem juntos”, vai compreendendo algumas palavras de sua mãe. Ele diz: *“sempre a sonhei longe, parada na porta da nossa casa, com a mão levantada; mas ontem à noite, Ema, você acredita? Sonhei que ela chegava até nós e me abraçava”* (pág. 99).

Mais uma vez, podemos falar aqui de uma elaboração ligada a uma estrutura do eu fortalecida, baseada na possibilidade de sintetizar ou fusionar suas pulsões ambivalentes. Quando o relato de Stefano assume um caráter de tentativa de se enraizar no novo país e no novo vínculo com Ema e o filho do casal, vemos a presença de um novo ato psíquico. A relação conflituosa com sua amada mãe, a quem ele também considerava como aquela que não lhe permitia migrar, passa a ser vivenciada

no sonho como uma síntese, como uma experiência de coincidência e de “abraço” conjunto. Para trás ficaram as palavras agressivas de Stefano sobre a terra do seu pai “matá-los de fome”, já que ele conseguiu trabalho e, de alguma forma, construir em seu mundo psíquico algo da sua mãe — o contato com sua amiga — e do seu pai — através de Aldo Moretti e da música evocativa da Itália.

V- Palavras finais da autora

Na parte final da novela, a autora faz referência a aspectos autobiográficos do seu pai e de si mesma, dizendo: *“Se um livro é uma forma de conhecer, uma maneira de penetrar no mundo e buscar o lugar que nos corresponde nele, “Stefano” me permitiu recuperar a sensação de fome, desenraizamento e estranhamento de homens e mulheres que um dia deixam sua terra em busca de uma vida melhor”* (pág. 102).

Neste parágrafo, Andruetto destaca os aspectos psíquicos conflituosos da migração, pois durante a escrita desenvolveu tanto sentimentos de satisfação sublimatória quanto de luta contra a melancolia, buscando elaborá-la para transformá-la em nostalgia. Podemos investigar o aspecto elaborativo se nos concentrarmos na palavra “recuperar”. Trata-se de lembrar aquilo que é doloroso para vivenciá-lo repetidas vezes de maneira diferente, a fim de criar, a partir desse material psíquico inicial — conflituoso, confuso e potencialmente traumático —, um novo material caracterizado pela força do eu surgida da luta contra a dor psíquica, que pode ser denominado, em termos de Winnicott, como “experiência”.

VI - Síntese e proposta decorrente da pesquisa

A psicanálise, como campo científico e prática micropolítica, tem a posição ética de ser uma prática sociocultural de crítica e com poder de “revolta” (Kristeva, 1996), ou seja, com a capacidade elaborativa necessária para retomar a história individual e social repetidamente, para orientá-la para a construção de um novo posicionamento subjetivo. Nesse contexto, concebemos que as “defesas culturais” são uma “matriz” protetora que constrói confiança no ambiente. Sua destruição em migrações forçadas provocam traumas individuais e coletivos (Marie Rose Moro, 1916).

Nos interessa pensar a migração adolescente como um espaço para alcançar a construção de um polo vitalizador na luta do homem contemporâneo para sustentar um espaço de narração como forma de construir “experiência”, pois, como afirma Giorgio Agamben, *“Ao homem contemporâneo foi expropriada a experiência: mais precisamente, a incapacidade de ter e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos que ele tem sobre si mesmo”* (Agamben, 2004:8).

Pensamos que a migração adolescente — metaforizada como ligada à noção do “outro” — constitui outra forma de falar do inconsciente, daquilo que, em um processo analítico, o analisante busca constantemente poder “tornar próprio”. Assim, na medida em que as barreiras entre “o próprio” e o “estranho” se tornam menos excludentes, as subjetividades resultantes serão construídas com menor carga de violência e destruição, dando lugar à complexidade discursiva e relacional. Nessa jornada, criamos ferramentas conceituais como as polaridades *sofrimento/efeito traumático e nostalgia/melancolia*, pois são úteis para pensar as diferentes avatares do sujeito na sua jornada, uma vez que ilustram como — diante de uma situação adversa — processos traumáticos ou elaborativos podem se desdobrar.

Conjeturamos que o adolescente migrante, no âmbito das tensões das polaridades *nostalgia-melancolia e sofrimento-trauma*, pode contar com a capacidade de ligação psíquica e potencialidade elaborativa suficiente para se inclinar para a *nostalgia e o sofrimento*, ambos entendidos como termos que evidenciam uma maior produção de *subjetividade* (Bleicher, 1993). Consideramos que essa capacidade elaborativa e de ligação psíquica está fortemente ligada à capacidade narrativa que é possível desenvolver na construção de um relato. É a essa *capacidade narrativa* e sua heterogeneidade que atribuímos um lugar central no processo subjetivo adolescente que culmina na *realização da experiência*. Para Winnicott, a “experiência” não é um simples registro passivo, mas sim uma conquista subjetiva alcançada a partir de condições facilitadoras na relação inicial com o “ambiente”. “Viver a experiência” implica poder integrar vivências sensoriais e emocionais em uma continuidade que lhe dê sentido. Quando isso ocorre, se desdobra a “vivência da continuidade do ser”, base para o sentimento de existir autenticamente. Assim, a experiência se torna o núcleo a partir do qual o sujeito pode criar, simbolizar e habitar o mundo. Se alcançar essa “experiência”, a migração pode se transformar na oportunidade em que um estímulo potencialmente traumático pode ser resolvido, saindo do estado de “desamparo” para o “espaço” que permite a sobrevivência, dando lugar à produção de subjetividade, historicizante e narradora.

Através de “Stefano”, representamos a figura do adolescente migrante que atravessa lutos, a descoberta da sexualidade e vai construindo projetos e ganhando sentido nas margens da narração. Assim, talvez, possamos usar essa figura para descrever um posicionamento da psicanálise que, à maneira de um adolescente migrante, pulsa, explora o incerto e cresce em sua narrativa a partir de suas próprias margens. Um trabalho e uma teoria psicanalítica cuja experiência de estrangeirismo pode fortalecê-la, afastando-a do risco da fascinação narcisista, do esgotamento e em busca de realizar “experiência”.

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. (2003). *Infancia e historia: Destrucción de la experiencia y origen de la historia*. Adriana Hidalgo Editora.
- ANDRUETTO, M. T. (2012). *Stefano*. Sudamericana.
- ANDRUETTO, M. T. (2018). *El país de Juan*. Sudamericana Infantil.
- AULAGNIER, P. (1975). *La violencia de la interpretación. Del pictograma al enunciado*. Amorrortu.
- BRAUNSTEIN, N. (2012). Diálogo con la nostalgia. *Revista Jardín de Psicoanálisis*. Recuperado de <https://revistas.unal.edu.co/index.php/jardin/article/view/27216>
- DESSAL, G. (s.f.). El narcisismo de las grandes diferencias. Recuperado em 27 de julho de 2025: <https://www.facebook.com/search/top/?q=el%20narcisismo%20de%20las%20grande%20diferencias%20dessal>
- FREUD, S. (1917). *Duelo y melancolía*. Em *Obras completas (Vol. 2)*. Biblioteca Nueva. (Trabajo original publicado em 1915).
- FREUD, S. (1979). *El malestar en la cultura*. En J. Strachey (Ed. y trad.), *Obras completas (Vol. 21)*, pp. 57-140. Amorrortu. (Trabajo original publicado em 1930).
- HORNSTEIN, L. (2006). *Las depresiones: Afectos y humores del vivir*. *El Psicoanálisis*, (5). Recuperado de <https://www.elpsicoanalisis.org.ar/old/numero5/comentariodeprehornstein5.htm>
- KORINFELD, D. (2008). *Experiencias del exilio: Avatares subjetivos de jóvenes militantes argentinos durante la década del 70*. Del Estante Editor.
- KRISTEVA, J. (1996). *Sentido y sinsentido de la revuelta*. Siglo XXI Editores.
- MORO, M.-R. (2016). *Perder la confianza fundamental en la vida: Huellas traumáticas en los bebés y los niños*. *Temas de Psicoanálisis*. Recuperado de <https://www.temasdepsicoanalisis.org/wp-content/uploads/2017/05/MARIE-ROSE-MORO.-Huellas-traumaticas-ontologicas-en-los-bebes-y-en-los-ninos.pdf>
- PUGET, J., BRAUN, J., & CENA, M. (Comps.). (2018). *Marilú Pelento, psicoanalista de nuestro tiempo: Un panorama de sus ideas*. Lugar Editorial.
- VILLALBA, G. O. (2016). *Entrevista a María Teresa Andruetto*. *Revista Babar*. Recuperado de <https://revistababar.com/wp/entrevista-a-maria-teresa-andruetto/>
- WEISSE, C. (2020). *Literatura y psicoanálisis*. RV Ediciones.
- WINNICOTT, D. W. (1999). *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Paidós.